



Sonia Machado de Azevedo: uma enciclopédia de utopias entre corpo, escrita e educação

Leila de Noce¹

Jean Carlos Gonçalves²

¹ Mestranda em Educação (LiCorEs/PPGE/UFPR); Bolsista da Fundação Araucária

² Doutor em Educação (PPGE/UFPR); Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq



Personagem

Revista de estudos em educação, linguagem e teatralidades

Resumo:

O Número Zero de *Personagem: revista de estudos em educação, linguagem e teatralidades* reúne textos de autores vinculados à *Diálogos: rede internacional de pesquisa*. Os leitores encontrarão escritos sobre histórico, trajetórias e modos de pesquisar e conviver em coletivos acadêmicos e/ou artísticos no Brasil, Equador, China, Índia, Portugal, Colômbia e Argentina. O presente resumo é unificado para todos os artigos, que originalmente foram escritos por perspectivas mais ensaísticas e narrativas. Ressalta-se que o formato, bem como o estilo de cada texto, nessa edição especial de lançamento da revista, corresponde ao desejo de partilha de seus autores na relação com seus pares, o que garante ao número uma amplitude diversa de práticas coletivas de pesquisa e, por consequência, de experimentar o escrever sobre elas, ao redor do mundo.

Palavras-chave: Rede de Pesquisa; Educação; Linguagem; Teatralidades



RESUMO

Esse texto propõe um diálogo sobre o impacto da persona de Sonia Machado de Azevedo na vida de dois artistas-pesquisadores. O texto nasce a partir da leitura sensível e afetiva da obra *As vinte e nove cartas: Laban, um gramática poética para atores*, escrita por Sonia e à luz da experiência vivida pelos autores no Núcleo de Pesquisa da Presença, coordenado por ela. A escrita se constrói como uma travessia entre memória e invenção, corpo e palavra, pedagogia e poesia. Por meio de um cotejo às cartas de Sonia e de reflexões práticas sobre o ensino de expressão corporal, o texto investiga a presença como fundamento da formação artística e humana, defendendo o corpo como território de escuta, encontro e criação.

Palavras-chave: expressão corporal; memória; corpo; presença; encontro.

Sonia Machado de Azevedo: an encyclopedia of utopias between body, writing and education

ABSTRACT

This text proposes a dialogue on the impact of Sonia Machado de Azevedo's persona on the lives of two artist-researchers. The text is based on a sensitive and affective reading of the work *As vinte e nove cartas: Laban, um gramática poética para atores*, written by Sonia, and in light of the authors' experience at the Presence Research Group (Núcleo de Pesquisa da Presença), coordinated by her. The writing is constructed as a crossing between memory and invention, body and word, pedagogy and poetry. Through a comparison with Sonia's letters and practical reflections on the teaching of body expression, the text investigates presence as a foundation for artistic and human formation, advocating for the body as a territory for listening, encounter, and creation.

Keywords: body expression; memory; body; presence; encounter.

Sonia Machado de Azevedo: una enciclopedia de utopías entre cuerpo, escritura y educación

RESUMEN

Este texto propone un diálogo sobre el impacto de la persona de Sonia Machado de Azevedo en la vida de dos artistas-investigadores. El texto se basa en una lectura sensible y afectiva de la obra *As vinte e nove cartas: Laban, um gramática poética para atores*, escrita por Sonia, y se desarrolla a la luz de la experiencia vivida por los autores en el Núcleo de Investigación de la Presencia (Núcleo de Pesquisa da Presença), coordinado por ella. La escritura se construye como una travesía entre memoria e invención, cuerpo y palabra, pedagogía y poesía. Por medio de un cotejo con las cartas de Sonia y de reflexiones prácticas sobre la enseñanza de la expresión corporal, el texto investiga la presencia



como fundamento de la formación artística y humana, defendiendo el cuerpo como territorio de escucha, encuentro y creación.

Palabras clave: expresión corporal; memoria; cuerpo; presencia; encuentro.

1. Introdução

É com imensa honra que dedicamos este texto à artista, professora e pesquisadora Sonia Machado de Azevedo. Sua carreira, entre as artes da cena e a educação, pode ser (em tentativa) sintetizada em uma profunda curiosidade, humanidade e incessante busca por uma utopia de liberdade e movimento. Tem vasta e distinta trajetória acadêmica, incluindo graduação em Teatro, além de mestrado e doutorado em Artes pela Universidade de São Paulo (USP), e também formação em Dança Moderna pela Escola Arte do Movimento. Sonia é professora de Práticas Corporais na Escola Superior de Artes Célia Helena (ESCH), onde também coordena o longo Núcleo de Pesquisa da Presença (NPP), focando sua expertise no ensino do trabalho corporal como ferramenta de composição cênica e elaboração humana. Sonia é autora de obras essenciais no prisma das artes do corpo, como *O papel do corpo no corpo do ator*, *Campo Feito de Sonhos: Os Teatros do Sesi* e *As vinte e nove cartas: Laban, uma gramática poética para atores*. O artigo que se segue é um testemunho especial e afetivo: um diálogo construído por dois artistas-pesquisadores que têm Sonia como mestra na arte e na vida. A partir dos seus papéis como docentes, os autores refletem o impacto de Sonia em suas vidas e trajetórias artístico-pedagógicas. A partir da leitura sensível de *As vinte e nove cartas: Laban, um gramática poética para atores*, o texto investiga a presença como alicerce da formação artística, defendendo o corpo como importantíssimo território de escuta, encontro e criação, e celebrando a essencial jornada de Sonia na arte e nas utopias daqueles que tem a honra, e sorte, de serem seus alunos.

2. Memórias e invenções

Leila - Peço ao leitor, uma vez iniciando seu encontro com esse texto, que pinte o cenário de mim o escrevendo tomada de enorme inspiração por ter sido aluna de Sonia Machado de Azevedo. Conjugo o verbo no passado porque a conheci em 2017, ano em que entrei na Escola Superior de Artes Célia Helena (ESCH). Por alguma magia das linhas do tempo-espço, e infinita sorte minha, me tornei sua aluna. Não apenas em suas inesquecíveis aulas de Expressão Corporal, durante o primeiro ano do bacharelado em Teatro, mas também em seu Núcleo de Pesquisa da Presença¹ (NPP), grupo orientado por

1 O Núcleo de Pesquisa da Presença investiga a presença humana em tempo real e em manifestações públicas, fundamentado no Sistema Laban e nas filosofias de Merleau-Ponty e Lévinas. Fonte: ESCOLA SUPERIOR DE ARTES CÉLIA HELENA. Núcleos de Pesquisa. Disponível em: <https://celiahelena.com.br/pesquisa/nucleos-de-pesquisa/>. Acesso em: 10 dez. 2025.



ela e também no qual encontrei-me amante dos estudos do corpo. Escrevo isso sabendo que Sonia odiaria o uso da palavra “seu”. Como é visto no livro sobre o qual escrevo esta resenha, o individualismo aparece pouquíssimo em seus pensamentos. Para Sonia, no estudo da expressão corporal, é necessário pensar em coletivo. E que imensa felicidade foi tê-la conhecido no mês seguinte do qual completei meus 18 anos. Falo aqui que Sonia foi minha professora, no ano de 2017 quando entrei no bacharelado na ESCH. No entanto, sei com certeza que quaisquer encontros com Sonia, mudam as pessoas. Mudaram-me. E seguem mudando porque a vejo como professora múltipla. Professora, aquela-que-gosta-de-gente, que gosta da vida. E o exemplo de ações é sempre maior que qualquer fala. Fui e, cruzando os dedos, pedindo sorte infinita ao destino, sempre serei sua aluna.

Jean – Conheci Sonia, também em 2017, na Universidade Cruzeiro do Sul, Campus Anália Franco, em São Paulo, quando realizamos, na ocasião, a I Jornada do Laboratório de estudos em educação, linguagem e teatralidades (UFPR/CNPq). Sonia procurava, no imenso edifício com muitos corredores, a sala de aula onde seria realizada uma qualificação de mestrado cujo tema tinha relação com o corpo do ator. Eu a convidei para a banca justamente por conta de seu best seller teatral *O papel do corpo no corpo do ator* (AZEVEDO, 2008). Embora eu nunca tenha sido seu aluno de graduação ou pós-graduação, conhecia, pelos livros, o trabalho de Sonia, detalhadamente descrito, com rigor e coesão, em seus escritos sobre corpo e teatro. Quando a vi, sentimos, imediatamente, uma sinergia que se mostrou imensamente frutífera nas parcerias literárias e artísticas que realizamos desde então. Sem contar as infinitas conversas trocadas por mensagens escritas e áudios, que se fazem presente em quase todos os nossos dias e noites. Toda essa amálgama de sensibilidade, Sonia parece eclodir em sua obra *As vinte nove cartas*, foco desse texto-homenagem.

Leila - Em *As Vinte e nove cartas*, Sonia nos conduz através de metáforas, memórias e descobertas vividas ao longo do ano de 2018. Ela nos conta sobre suas aulas no bacharelado em Teatro na ESCH regendo as aulas de Expressão Corporal, além de, também, relembrar as longas tardes de pesquisa no nosso NPP. Guiando-me pelo que Amilton de Azevedo², filho de Sonia, nos conta na primeira carta (ou, pelo menos, a primeira que temos a chance de ler ao abrir o livro): “A memória é também invenção a cada resgate” (AZEVEDO, 2021, p. 15). Anos depois, olho para os escritos de Sonia sabendo que fui uma de suas alunas na época em que ela os escrevia - e invento quem fomos naquela época. Resgato minhas memórias, sim, como invenção, mas sempre como sua aluna. Amilton, refletindo sobre o fazer docente de sua mãe, afirma que vê em Sonia (AZEVEDO, 2020, p. 16) “uma imensurável generosidade em alguém que se coloca não como portadora de um saber a ser transferido,

² “Artista-pesquisador e crítico, doutorando em Artes Cênicas (ECA-USP)”. AZEVEDO, A. Sobre. Ruína Acesa. Disp.: <https://ruinaacesa.com.br/sobre/>. Acesso: 04 dez. 2025.



mas como alguém que se abre para o encontro e para os acontecimentos”. Eu também a vejo assim. E reencontrar suas cartas foi um gigante acontecimento.

Jean – Entendi e pude confirmar, depois pela leitura de *As vinte e nove cartas*, que Sonia é uma professora-pesquisadora-artista que anseia por encontros. Nisso, nos identificamos de imediato. Talvez este seja o primeiro livro acadêmico de Sonia dedicado a relatos de aula em um tom absolutamente narrativo e ensaístico. A beleza dos textos retrata, de algum modo, a beleza de suas aulas. Eu, que *nunca fui aluno de Sonia*, pude atestar de sua sabedoria de mestra das artes do corpo em uma oficina que ela ministrou, a meu convite, em Curitiba/PR. Na ocasião, embora com um tempo limitadíssimo de duas horas, Sonia nos levou a um estado de presença que inundou não só a sala do Prédio Histórico da UFPR, mas tomou nossos corpos por dentro, com marcas que permanecem até hoje naquele grupo, naquelas mais ou menos 20 pessoas que estiveram conosco em um dia frio e ensolarado, dispostas ao jogo, à troca, ao olhar. Em *As vinte e nove cartas*, Sonia insiste, por uma sensibilidade apurada, no registro possível de momentos vividos com estudantes de corpo, e é nessa insistência que mora uma escrita-corpo que atinge, também, quem nunca pôde participar de seus cursos e passa a conhecê-los pela palavra.

3. A teimosia no encontro

Algo em mim teima em nascer. Sigo inquieta e curiosa, grávida de questões que se esboçam ora ou outra, como nebulosas que às vezes surgem no céu. (AZEVEDO, 2020, p. 26)

Leila - Ao (re)encontrar sua narração das aulas durante dois semestres em formato de cartas, eu me lembro de tudo. Mesmo que não em palavras ou imagens formadas na minha cabeça, eu me lembro de tudo. Eu, sua aluna-quase-criança, me lembro em forma de corpo. Em suas aulas, somos uma revoada de pássaros guiados por Sonia. Mulher-águia. Mulher-cisne. Ela, e aqui a descrevo usando suas próprias palavras, é “gente como disfarce”³. Pássaro-bússola que sobrevoa uma mata infinita com olhos atentos e acha os patinhos feios, as ovelhas negras, aqueles uns perdidos dentre tantos, aqueles uns que estavam (AZEVEDO, 2020, p. 26) “dançando como quem sonha apenas um pouco acordado”. Sonia os vê e os coloca debaixo de sua asa. Digo novamente, Sonia tem a maestria de uma professora como pessoa, para além da sala de aula. No entanto, quando em sala, conduz os processos de forma ímpar. É impossível esquecer sua figura baixinha, de cabelos curtos e grisalhos. Sempre perto da caixa de som, sabendo como compor a atmosfera com as inspirações-músicas certas para seus alunos virarem gaivotas voando pela sala. E

3 A expressão é uma adaptação da frase “ser gente como disfarce”, presente na obra *Odete inventa o mar* (AZEVEDO, 2007, p. 16).



seus olhos curiosos, como os de uma criança que sobe na árvore para ver quais frutos ali crescem. Talvez isso seja o mais bonito nas cartas de Sonia: sua curiosidade.

Converso com as pessoas que encontro sobre as histórias de suas vidas, os caminhos que levaram seus corpos a terem o desenho que têm. Tenho fascínio por essa interminável leitura que parece trazer as pessoas para bem junto de mim, para dentro de mim em pensamento e afeto. (AZEVEDO, 2020, p.20)

No livro, e tenho o prazer de dizer que, na vida real, acontece da mesma forma, Sonia sublinha constantemente o valor de enxergar o outro. Enxergá-lo a fim de vê-lo. Enxergá-lo sem pensar em resposta. Interessar-se pela história do outro, por sua vida, por seus sentimentos, por seu rosto, por seu movimento. Sabendo que outro ali também existe. O outro é renascimento constante. E assim se estuda corpo.

Tenho a sorte de conviver e aprender novas vidas com vocês. Novos lugares de onde olhar o mundo, a partir de perspectivas que eu nunca teria imaginado possíveis sem a companhia de vocês. (AZEVEDO, 2020, p.75)

Sabendo-se professora, Sonia pouco se importa com nomes de funções ou títulos. Leio seu livro e reinvento memórias como quem lê uma enciclopédia de utopias. É constantemente impressionante a fé que Sonia tem: fé no trabalho do corpo e fé em seus alunos. Eu compartilho dessa fé. Eu, hoje professora, sustento minhas aulas e meus pensamentos pedagógicos nos mesmos princípios de Sonia. Princípios que aprendi em longas conversas, sentada em roda com outros colegas, ao final de suas aulas. Ou mesmo em uma simples troca de olhares nas tardes em que chovia torrencialmente, e íamos sentar na calçada. Simplesmente. Com a chuva. Dez ou mais pessoas, lado a lado, estando completamente imersos na sensação das gotas escorrendo pela nossa pele no meio do asfalto paulistano, juntos. Imóveis, aprendíamos sobre expressão corporal. Ali, nos qualificávamos como artistas de teatro, sim. No entanto, e principalmente, sonhávamos. Imergíamos profundamente em nós mesmos e, também, uns nos outros. Imóveis.

E o que acontece conosco nesse tão complexo e conturbado mundo, se somos apenas uma gota de orvalho que existe num tempo definido e depois se extingue e evapora? Como podemos? Como podemos? Como pode nosso olhar passear por outros olhos, perceber outros corpos, existindo junto com tanta gente? Que precioso



parece ser esse viver que nos foi dado! (AZEVEDO, 2020, p.30)

Jean – Imóveis. Inertes. Atônitos. É assim que saímos de qualquer encontro com Sonia. Essa disponibilidade para estar presente, de verdade, desemboca em uma inteireza corporal que nos afeta individualmente e no coletivo. Sonia tem, lá, suas crenças, ou fé, como nos diz Leila. Uma crença mais recente, quase uma superstição, é a de que seu nome deve ser escrito, agora, sem o acento circunflexo na letra “o”. Mudamos, assim, nossa relação com seu nome, enquanto ela nos provoca, com um detalhe poético, a detectar a presença de mistérios inapreensíveis ou indecifráveis da existência. Eu também sou completamente obstinado pela ideia de “ser gente como um disfarce”, e acho que Sonia não só escreveu essa máxima, mas a pratica em suas relações, em seus modos de nos ensinar sobre corpo mesmo quando não está no papel de professora. Sonia é corpo-bicho, como ela mesma gosta de dizer. Bicho-gente e, por isso mesmo, mais bicho do que gente, um bicho de que se disfarça de gente para conviver entre muitos, entre mundos. E ela convive nos ensinando, mesmo que o verbo *ensinar* não esteja em primeiro plano. A maneira com que Sonia convive e, ao conviver, afeta seus outros, é sua marca maior. É impossível sair igual de um encontro com o furacão bicho-gente-Sonia.

Leila – Em uma sociedade na qual a *autossuficiência* tem sido meta, Sonia, em seu trabalho, insiste no outro. Em, ousado dizer, *nosso* Núcleo de Pesquisa da Presença e também, em seus depoimentos sobre os processos vividos em 2018 nas aulas do bacharelado em Teatro, ela pensa o encontro como um sonho.

E estamos todos trabalhando juntos, corpo a corpo, olho no olho, como não fazemos em nenhum outro momento das nossas vidas em sociedade. (...) Como tiver que ser a cada dia. Como for possível. Porque não somos máquinas que podem ser programadas, somos gente e estamos sujeitos às infinitas variáveis das nossas vidas. (AZEVEDO, 2020, p.27)

Recordo-me do movimento interno que sentia em suas aulas: de ser gente-cor-de-sangue, de vestir minha alma no meio do rosto, de despir-me de tudo, principalmente das certezas infinitas que compunham quem eu era. Acredito, e é o que lemos nas cartas de Sonia, que o trabalho de corpo tem como bússola o encontro. Encontrar a si mesmo e ao outro. Corpo em frente a corpo, em constante movimento, mesmo que vejamos apenas os olhos piscando.

Para mim, as aulas de corpo são um pouco como sonhar. Um pouco como construir, junto com muitas outras pessoas, sonhos que são uma parte de cada um, mas que, ao final, pertencem



a todos e a ninguém em particular. (AZEVEDO, 2020, p.29)

A partir do que conta Sonia, penso: na formação de um artista, não seria justamente isso a sua coluna vertebral? Sua capacidade de enxergar, validar e respeitar a si mesmo e ao outro? Saber-se gente e, assim, agir como tal? Em suas aulas, é ensinamento principal que “pessoas são incomparáveis. Sempre é bom repetir isso, para que nunca nos esqueçamos” (AZEVEDO, 2020, p. 31). Quando te olho nos olhos, sei disso. O problema é que esqueço. Esqueço que sou gente. Com sua enciclopédia de utopias, Sonia me lembra. Um chamado para o olhar-ponte. Lê-la me faz pensar que formar um artista é, antes de tudo, cultivar a sensibilidade, o reconhecimento do outro e a partir do encontro é caminho de evolução.

Quem somos nós com corações que se aceleram e depois se acalmam sem que saibamos muito por quê? Com lágrimas que brotam e escorrem pelo rosto, traçando abertos e sinuosos pequenos caminhos? (AZEVEDO, 2020, p.30)

Jean – No romance *O colibri*, Sandro Veronese tem um incrível e tocante texto intitulado *Os olhares são corpo*. Nesse texto, o autor nos convence com exemplos e argumentos de algo que já sabemos, de algum modo, mas que no jogo de palavras, ganha um reforço descomunal. Anexar o olhar ao corpo e, por consequência, aos modos de construção das relações, destinos e percepções de mundo, ganha, na poesia de Veronese, um contorno muito próximo à proposta de Sonia quando pensa, também, o olhar em sua inteira conexão com o que somos, com o que mostramos ou escondemos, sobre nós. A força do olhar se mistura, assim, a uma guinada à contemplação, ao ato estético, e dá uma nova dimensão à forma como nossos corpos interagem na vida e na arte. Desse texto, escolhi recortar um pequeno fragmento. Nele, a personagem narradora vê-se em luto pela morte de sua filha, e em luta com a criação de sua neta, Miraijin, de dois anos de idade que, órfã, fica sob os cuidados do avô e, portanto, do seu olhar. A passagem se dá em um momento no qual a criança busca a atenção (o olhar) do avô, para conseguir dormir tranquila, e se vê às voltas com mensagens para visualizar e responder no celular:

Além disso existe a contemplação, o ato estético mais criativo e mistificador. Por exemplo, Miraijin adormeceu, e eu, ao invés de ler meu SMS, comecei a contemplá-la: é uma menina, uma menina normal que dorme – mas meu olhar a transforma na coisa mais linda do mundo (VERONESE, 2025, p. 255)



4. A liberdade ensina a dançar

Aulas de corpo são oficinas poéticas de criação, nas quais todos são artistas/artesãos de si mesmos (...) esse pedaço de matéria cósmica e única a que damos o nome de eu e que pensamos conhecer, mas lá no fundo, bem no fundo, nos enche de assombro, fascínio e inquietação. (AZEVEDO, 2020, p.29)

Leila – Tive a oportunidade de ler *As Vinte e nove cartas: Laban, uma gramática poética para atores* pela primeira vez em 2020, quando comecei oficialmente como assistente de Sonia na disciplina Expressão Corporal na ESCH. Desde então, todo e qualquer trabalho que realizo carrega, direta ou indiretamente, referências às suas cartas. No entanto, ao relê-las agora, para compor este texto, me surpreendi com a quantidade de vezes em que Sonia retorna à sua infância. O encontro com a leitura é mesmo uma constante metamorfose. Ela frequentemente fala da terra de cor quente sobre a qual corria quando criança, das refeições feitas no fogão a lenha por sua mãe, de ser pássaro nos galhos das árvores, ou mesmo do tempo em que estudava em um internato e escrevia, todos os dias, em seu diário. Há uma ligação íntima entre essas lembranças e o modo como Sonia compreende o trabalho de expressão corporal. O corpo como lugar de memória, de assombro, de escuta e, sobretudo, de encontro. O trabalho de corpo comumente é descrito de forma bastante séria. Na minha área de atuação, as artes da cena e a educação, ele pode receber nomes como “Direção de Movimento” ou “Pesquisa em Expressão Corporal”. Nomes seríssimos, que enriquecem currículos e são, de fato, importantes para a continuidade da produção de conhecimento. Porém, a partir das cartas de Sonia e o contato com suas memórias, lembro como tanto conhecimento pode facilmente se esvaziar sem um chão de terra de cor quente.

O que importa mesmo é buscar essa conexão abandonada nos tempos do crescer. (...) Em seguida, a conexão com o outro e a entrega ao olhar, que me olha em mudas conversas cheias de intenções ocultas ou antigas. Importa desenvolver a percepção do todo maior para além de mim e desse outro que me acompanha, para muito além. Percepções de chão, de ar, de vento, de atmosferas várias e da imensidão do céu. (AZEVEDO, 2020, p.55)

Jean – Sonia é persona artista. Mas é também persona professora. No momento



em que escrevo ela está em viagem – mais uma ao deserto. O deserto, que é uma de suas grandes paixões, se metaforiza em tudo o que faz – como potência, como imprevisibilidade, como susto diante da beleza da vida. Sonia é uma professora que se aventura pelo mundo e faz da própria experiência seu material de trabalho. Talvez alguém possa pensar, lendo nosso texto, que isso seja uma coisa óbvia, que toda docência traz a vida para a sala de aula – mas nas aulas de Sonia e em seus escritos sobre as aulas, não há obviedade. A forma com que a vida aparece nos encontros com seus estudantes tem contornos totalmente voltados ao campo de uma estética da contemplação, do prazer de poder narrar enquanto dádiva concedida àqueles que podem lembrar. Desde suas grandes viagens até seus olhares pela janela do seu apartamento quando o dia cai, ou seja, na esteira dos dias ditos absolutamente incríveis e não corriqueiros até os dias mais simples e comuns, Sonia vê a vida com atenção. Ao vê-la, a descreve. Ao descrevê-la, nos encanta com sua sensibilidade, o que, por consequência, muda, também, o nosso olhar para a vida – o olhar de seus estudantes, de seus leitores, de seus amigos.

Leila – No primeiro texto do livro, intitulado *De Onde Venho*, Sonia nos conta sobre uma situação vivida em um congresso. Perguntaram a ela como começou a dançar, onde e com quem havia aprendido. Ela responde que aprendeu durante a infância, na qual sua trilha sonora era feita de tempestades intensas, do som do rio correndo e do barulho das folhas secas sob seus pés. Quem perguntava, conta Sonia, não pareceu satisfeito com a resposta. Então, resume, de forma íntima e complexa: “Aprendi com a liberdade” (AZEVEDO, 2021, p. 13). Pensar a educação a partir dessa fala é entender que somos feitos dos encontros que temos. Encontros com quem nos criou, com o lugar onde nascemos, com nós mesmos no espelho pela primeira vez. Com a primeira lágrima e todas as que virão. Com o primeiro amor. Com os sons que nos cercam. Pessoas, tempos, verões e outonos, alunos, professores, passos e quedas. Me ocorre um pensamento que o trabalho de corpo que Sonia propõe acontece, quase que por acaso, no ensino superior. De forma nenhuma quero aqui minimizar seu trabalho, muito pelo contrário, o vejo com tamanha necessidade para nossa evolução como sociedade que o acredito como pilar de comportamento no mundo a ser ensinado e vivido por todos. Justamente por acreditar no encontro como início de tudo, ele se torna fundamental. A possibilidade de imaginar outros mundos. Mundos nos quais existimos sem precisar pedir desculpas por sermos quem somos, por não deixarmos de ser como as crianças que pisam no barro sem hesitar, confiando que qualquer água depois limpará seus pés. A vontade de pisar no barro e colorir os próprios pés com a cor da terra é necessária na constituição de uma sociedade em que viver seja um prazer. Uma travessia sensível. Uma criação contínua.



A vida é fluxo ininterrupto, até que o coração simplesmente deixe de bater. Enquanto isso não acontece, estamos em mudança contínua, e esse estado envolve nossas relações com o mundo que nos cerca – o concreto ou o mar, a cidade ou a mata, com aqueles que nos cercam – os que amamos e os que não amamos. Sim, porque sabemos que o amor incondicional é utopia que buscamos. (AZEVEDO, 2020, p.114)

Jean – Ontem, enquanto ministrava uma aula de *Didática*, a professores em formação, que cursam licenciatura, um estudante perguntou, olhando dentro dos meus olhos: professor, você tem *mesmo* esperança na educação? Uma pergunta dessas nos balança, porque é acompanhada de um grifo – esse *mesmo* – que nos inquieta e parece interrogar *até quando* teremos esperança? Minha resposta se agarrou em exemplos de educação que me fazem acreditar em pequenas transformações, em trocas de afeto possíveis nos mais diferentes contextos, e posso dizer, sem dúvida, de que uma fonte de esperança vem do meu encontro com Sonia. Desde quando a conheci, deixei-me transpassar por suas palavras sábias sobre o mundo – uma sabedoria que não vem somente do universo acadêmico, mas também dele. A sabedoria de Sonia nos convida, de modo bem freireano, à utopia, ao sonho, ao amor e à esperança, e acho que conviver com ela me tornou uma pessoa melhor, principalmente porque consegui enxergar, em meio a um mundo de egos e disputas efervescentes por teorias, espaços de poder e maniqueísmos doentios, outras possibilidades de exercer nosso ofício, ou nossos ofícios: arte, docência, escrita, pesquisa... Sonia insiste no corpo. Sua insistência me faz compreender que exercemos, na vida e na arte, ofícios-corpo, quase que como um alerta para que sempre estejamos totalmente imersos, de corpo inteiro, em tudo o que nos propomos a fazer. Em *As vinte e nove cartas*, não são só letras que lemos. Lemos Sonia, lemos um ofício-corpo totalmente entregue a um laboratório cheio de vida, de histórias, de encantamento: tudo movido ao prazer da partilha. “É corpo!”, como diria Leila, a quem também agradeço pela escrita desse texto, por aceitar caminhar comigo, a partir da sugestão e apoio da própria Sonia – nossa mestra em comum, nossa grande inspiração para seguir.

Leila – Entre o assombro da infância e a filosofia encarnada no corpo, Sonia nos lembra da ternura que ainda é possível. Uma ternura que pulsa entre a dúvida e a coragem, entre o olhar e o chão, entre o espanto e a entrega.

O trabalho de corpo se aproxima da poesia. É poesia em movimento. O trabalho de corpo é filosofia, pensamento/movimento. Simples assim. Por que sempre preciso me perguntar o que somos? Poeira de estrelas é o que somos, penso novamente. Viajantes do espaço que pousaram



nesse pequeno planeta. E quem sabe para onde irá depois essa luz, esse pó, toda essa ternura? (AZEVEDO, 2020, p.35)

Talvez seja exatamente esse o papel do corpo nas cartas de Sonia: ser ferramenta de escuta, de constante invenção e de travessia. Corpo que sonha, que lembra, que reaprende consigo mesmo quando como nasceu, a pisar no chão. Corpo que recria mundos a partir do encontro. Porque viver é imaginar. Imaginar possibilidades, imaginar futuros, imaginar o outro. E assim descobrir quem se é. É nesse ponto que Sonia aproxima o trabalho corporal da criação cênica e da prática teatral. Na décima segunda carta, ela nos fala sobre a importância da palavra “se” no contexto do teatro. A partir de Stanislavski⁴, grande referência dos estudos teatrais, ela nos conduz à potência do imaginar, como base sensível do fazer artístico.

Agora vocês sabem que o nosso trabalho numa peça principia com o uso do “se”, como alavanca para nos erguer da vida cotidiana ao plano da imaginação. A peça, os seus papéis, são invenções da imaginação do autor, uma série inteira de “se”, e de circunstâncias dadas, cogitadas por ele. (...) Tudo isso para falar sobre a importância de estimularmos nossa imaginação, criando não somente ambientes imaginários, e colocando-nos neles, como também seres imaginários, experimentando situações em que eles se movem e se relacionam com outros seres. (AZEVEDO, 2020, p.67)

Penso, a partir dessa proposta de Sonia e sobre a experiência de ser integrante do NPP, que existe uma necessidade vital de criar utopias, de ensaiar o viver em um mundo diferente. Hoje, enquanto mestranda em Educação na UFPR e orientanda do professor Jean, tenho fé nas pessoas, em medida, igual à que tinha quando criança. O tamanho é o mesmo, no entanto, as *fés* se diferem em relação à direção para qual caminham. Enquanto, quando menina, acreditava cegamente que sonhar mundos os fariam realidade, hoje vejo com clareza que essa é nossa única saída - intencionalmente imaginar. A imaginação é território necessário para pensarmos o futuro, e a educação é o meio. Uma educação do encontro, que creia que existir em um mundo no qual o outro importa tanto, que olhá-lo nos olhos pode ser nossa única ação ao longo de horas.

Mais ao fim da carta citada, Sonia compartilha o relato de um de seus alunos, que diz ter se sentido como em um sonho quando dançando. Quando me recordo das suas aulas, penso que também me sentia assim: uma sonâmbula quase acordada, mas que

4 Konstantin Stanislavski (1863-1938): diretor russo e criador do método de “fé cênica”. Cf. STANISLAVSKI, C. A preparação do ator. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.



não acordava por teimosia. Teimosia de viver o mundo que ensaiávamos. Um mundo que, talvez, eu já ensaiasse sozinha, dentro de mim. Porém, ali, com ela e com os outros, eu o vivia em forma de corpo, em forma de gente. Isso é educação, teatro, filosofia, mas é, principalmente, esperança. E que bom que é assim.

5. Referências

- AZEVEDO, Sonia Machado de. As vinte e nove cartas: Laban, uma gramática poética para atores. São Paulo: Perspectiva, 2020.
- AZEVEDO, Sonia Machado de. O papel do corpo no corpo do ator. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- AZEVEDO, Sonia Machado de. Odete inventa o mar. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BERTHERAT, Thérèse. As estações do corpo. Tradução de Vera Lucia Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LABAN, Rudolf. Domínio do movimento. Tradução de Anna Maria B. De Vecchi e Maria Sílvia M. Netto. São Paulo: Summus Editorial, 1978.
- STANISLAVSKI, Constantin. A preparação do ator. Tradução de Pontes de Paula Lima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- VERONESE, Sandro. O colibri. Belo Horizonte: Autêntica Contemporânea, 2025.